

METÁPORO: UM NOVO OLHAR SOBRE A COMUNICAÇÃO

Elenildes Dantas*
FiloCom ECA/USP
elenildes@usp.br

Resumo

Este artigo traz duas propostas: uma ontológica, de como definir a comunicação como acontecimento e outra epistemológica, de como estudar o fenómeno comunicacional contemporâneo no seu próprio movimento, tendo em vista que vivemos na sociedade da imagem ou telemática, criada pelo quarto *bios*, um mundo codificado, a partir de um totalitarismo programado que nos prende dentro de uma caverna de espelhos, nos tornando indivíduos ‘tautistas’ e ‘disléxicos’, desejosos por ser máquina, ao mesmo tempo em que sofremos com o *horror vacui*. A sociedade espectral tornou-se um lugar deste vácuo, onde só vemos a nós mesmos e, falamos para nós mesmos, na qual o outro desaparece inteiramente, e na qual, também paradoxalmente, apesar de tanto progresso tecnológico em comunicação, ninguém se comunica.

Palavras-Chave: comunicação; acontecimento; Metáporo; alteridade; autopoiese.

Abstract

This essay brings two proposals: an ontological one, of how to define communication as a happening and an epistemological one, of how to study the contemporary communicational phenomenon in its own movement, taking into consideration that we live in image or telematic society, created by the fourth *bios*, a coded world, from a programmed totalitarianism that imprisons us in a mirror cave, making us ‘tautistic’ and ‘dyslexic’, eager to be machine, at the same time we suffer with *horror vacui*. Spectral society has become a place of this vacuum, where we only see ourselves and, talk to ourselves, in which the other completely disappears, an in which, also paradoxically, despite such a great technological progress in communication, nobody communicate themself.

Key-Words: communication; happening; *Metáporo*; alterity; autopoiesis

* Formada em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Estadual Paulista e com mestrado em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com o tema “O Imaginário do Aquecimento Global” e membro do FiloCom (Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação), coordenado pelo Prof. Dr. Ciro Marcondes Filho.

Introdução

A relação do homem com a técnica é hoje o tema mais instigante das ciências humanas, pois o homem moderno e pós-moderno é essencialmente um homem envolvido pela técnica, de tal forma que sequer conseguimos perceber nosso real grau de dependência. Vivemos na sociedade da imagem ou telemática, criada pelo quarto *bios*, um mundo codificado, a partir de um totalitarismo programado que nos prende dentro de uma caverna de espelhos, nos tornando indivíduos ‘tautistas’ e ‘disléxicos’, desejosos por ser máquina, ao mesmo tempo em que sofremos com o *horror vacui*. A sociedade espectral tornou-se um lugar deste vácuo, onde só vemos a nós mesmos e, falamos para nós mesmos, na qual o outro desaparece inteiramente, e na qual, também paradoxalmente, apesar de tanto progresso tecnológico em comunicação, ninguém se comunica. Neste contexto, como definir o que é comunicação hoje e como é possível estudá-la?

O FiloCom – Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, no Brasil, coordenado pelo Professor Dr. Ciro Marcondes Filho, ao longo de 25 seminários, cada um com a duração de um semestre, faz uma revisão bibliográfica para se definir um conceito de comunicação e um método que corresponda a esse novo conceito. Tradicionalmente, a comunicação é entendida como comunhão, por tornar algo comum entre sujeitos. De acordo com a definição de comunicação dada pelo FiloCom, para se ter comunicação é preciso haver acontecimento, mas nem todo acontecimento é comunicação, de modo que para que haja comunicação, o acontecimento precisa construir novos sentidos.

Comunicação é um acontecimento, um evento nem sempre possível, antes improvável, encontro feliz ocasional de múltiplas coordenadas em um momento que não se repete, que é único e que tem força expressiva particular. (Marcondes Filho, 2008: 151).

A comunicação pode ser também unilateral, pois mesmo que os agentes da comunicação participem do mesmo ambiente mediático, a comunicação poderá ocorrer diferentemente em cada um deles, já que só existe comunicação quando o fenômeno provoca mudanças nos agentes, criando algo novo. Trata-se de processos autônomos entre os agentes. Desse modo, a comunicação deixa de ser o algo em comum para ser o acontecimento que é percebido de forma diferente entre as pessoas, ou seja, a comunicação como algo que não tem materialidade. No que Marcondes Filho (2008) ainda acresce:

A comunicação não é uma coisa, algo que percorre uma cadeia que vai do emissor ao receptor, algo que se possa dizer que exista; antes, ela é uma relação, uma possibilidade no encontro entre homens e homens, entre homens e técnicas. (Marcondes filho, 2008: 151)

Ao considerarmos a comunicação como Acontecimento, isto é, como movimento vivo e imprevisível, como então captar a comunicação no seu próprio movimento, sem cristalizá-lo? É o que pretende responder o FiloCom com o desenvolvimento do Metáporo, o quase-método ou o caminho do meio.

Metáporo, um caminho que se desbrava a si mesmo, embarcação que corta a água em dois flancos e segue sua rota sem traçado demarcado. Passagem livre e inesperada para o outro lado, mas, também, passagem para o conhecimento, metáporo, epistemologia espontânea do saber comunicacional. (Marcondes Filho, 2010: 263)

1. Comunicação como Acontecimento:

Para entender o conceito de comunicação como Acontecimento é necessário primeiramente diferenciar os termos sinalização e informação de comunicação. Nosso corpo sinaliza, porque tudo no ser humano sinaliza, ou seja, “não dá para não sinalizar”, mas nem sempre a sinalização se torna informação, isso só acontece quando ela nos chama a atenção. A sinalização pode ser também voluntária, intencional ou mesmo involuntária. Já a diferença entre comunicação e informação diz respeito ao fato de a informação ser algo racional e consciente, implicando num reforço; enquanto que comunicação é emocional, irracional, inconsciente e implica em mudança, no contexto do novo. De um ponto de vista fenomenológico, nossa vida é constituída só pelas coisas que fazem parte do nosso mundo, no que Marcondes Filho define conceitualmente como “dilema da incomunicabilidade humana”:

As pessoas são diferentes, suas vidas são distintas umas das outras, mas há uma constante em todas elas: a incomunicabilidade. É o mal do século. Nosso século é o século da incomunicação. É o século do paradoxo, pois, em nenhuma outra época da história humana, as pessoas tiveram à sua disposição tantos meios de comunicação: telefones, mensagens eletrônicas, equipamentos para transmitir imagens, vozes, acontecimentos. (Marcondes Filho, 2008: 13).

Mas, por que determinada coisa nos chama a atenção, despertando nosso interesse? A questão da intencionalidade, amplamente discutida pela Fenomenologia é incorporada na definição de comunicação, segundo a acepção de Marcondes Filho, uma vez que, para ele, a

comunicação é uma relação que ocorre de modo imprevisto, naquilo que nos surpreende, como um acontecimento que provoca o aparecimento do novo. Isso se refere a todo o contexto em que se interfere, isto é, na comunicação, incluindo as pessoas envolvidas neste processo, que são como ‘corpos’, em que ocorre a presença do incorpóreo, ou seja, daquilo que não se materializa, espécie de ‘alma’ que atravessa os acontecimentos comunicacionais. Isso quer dizer que na comunicação eles atuam ao lado dos signos verbais e linguísticos, que normalmente pouco ou nada dizem, mas que representam sinalizações extralinguísticas carregadas de valor comunicacional, pois, para Marcondes Filho (idem, p. 152): “A comunicação, apesar de rara e improvável, acontece em algumas circunstâncias, tanto interpessoais como na relação entre a pessoa e o objeto cultural”. Neste aspecto, ele acrescenta:

Comunicação é um acontecimento que tem a ver comigo e como me relaciono com o outro e com as coisas; é, portanto, uma forma de relação que eu desenvolvo com o mundo circundante. A comunicação só acontece quando eu me volto a esse mundo e transformo meros sinais em comunicação e/ou informação de acordo com a minha intencionalidade. (Marcondes Filho, 2008: 19).

De certo modo, somos sistemas fechados, porque nossa compreensão do mundo é unicamente subjetiva e, dessa forma, nunca seria possível sabermos como os outros pensam, levando em conta que tudo o que recebo do outro eu reelaboro, de acordo com o meu repertório pessoal, em outras palavras: “Eu só posso repassar ao outro algo de mim, uma informação, uma notícia, algo que minha linguagem consegue formular. Mas como o outro vai traduzir isso eu não sei, jamais saberei, está além de minha capacidade”. (Marcondes Filho, 2008: 14-15).

A argumentação proposta pelo FiloCom é que se não encontramos a comunicação como substância, podemos aceitar como comunicação então este re-trabalho de tudo o que recebemos do outro, considerando que a comunicação acontece justamente devido às diferenças existentes entre os indivíduos dotados de capacidade comunicativa singular, porque o que conhecemos intimamente não nos interessa como fator comunicativo. Neste aspecto, as comunicações triviais funcionariam antes então como um mecanismo de conservação e de tranquilização, enquanto que as formas de comunicações mais expressivas seriam, ao contrário disso, justamente aquelas que nos incomodam, mexendo, de modo intenso, conosco, exatamente porque estão associadas à expressão estética.

Comunicação não é um ato de ida e volta, não é uma relação circular em que eu falo coisas, essas coisas atravessam o outro e retornam a mim, que, então, aciono mais coisas. (...) comunicação é essa atmosfera, a cena, a situação em que eu posso incorporar algo que me transforma ou apenas me informar. (Marcondes Filho, 2008: 62).

Seguindo esta linha conceitual perceptiva, Marcondes Filho define a comunicação como aumento de complexidade, ou seja, como um processo que caminha da sua forma mais banal, marcada pela expressão formal de uma frase ou de uma fala, até a sua realização mais plena e transformadora, assentada na multiplicidade de sensações, obtida por nossos órgãos dos sentidos. Ou seja, a comunicação realiza-se, mais plenamente, nos fenômenos estéticos, enquanto relação sensível com o mundo. “Comunicação é um acontecimento que tem a ver comigo e como me relaciono com o outro e com as coisas; é, portanto, uma forma de relação que eu desenvolvo com o mundo circundante”. (Marcondes Filho, 2008: 19).

Neste contexto, o FiloCom defende a necessidade de se estudar o processo da comunicação como o espaço do “entre”, como o acontecimento, na sua razão durante, descrevendo tal concepção como um olhar da comunicação que mergulha no acontecimento, instalando-se no movimento do ato de comunicar-se. Para o FiloCom, estudar a comunicação fora deste acontecimento, desta duração circunstancial não é um estudo comunicacional e, mas sim, sociológico, histórico, etc., pois, o movimento precisa ser apanhado de uma só vez, sendo que o fenômeno comunicacional é o aqui e agora, ou seja, a situação do momento, realizada de modo contingencial. Desse modo, a pesquisa do durante capta a coisa no momento em que ela está acontecendo, através da intuição sensível do observador, cujo objetivo é tentar apurar os seus olhos para o mundo e ver como as coisas estão acontecendo.

Seres humanos dificilmente se comunicam. Seres humanos conversam, relatam coisas, falam de experiências; seres humanos escrevem livros, fazem filmes, encenam peças teatrais, fazem arte; seres humanos mandam mensagens; seres humanos fazem muitas coisas. Em suma, seres humanos sinalizam, mandam sinais – como, aliás, as outras coisas também sinalizam. Mas, se isso é ou não informação, se isso é ou não comunicação, tal fato já não depende mais deles, mas de quem os recebe. (Marcondes Filho, 2008: 16).

Contínuo Atmosférico Mediático é o lugar onde ocorre o acontecimento comunicacional, isto é, o cenário, a atmosfera de um momento. A tese do FiloCom é de que entre o complexo tecnológico e os indivíduos, existe o Contínuo Atmosférico Mediático ou, melhor dizendo, o lugar onde se realiza a comunicação. Conceitualmente, o

Contínuo Atmosférico Mediático é formado por três subsistemas: jornalismo, publicidade e entretenimento. Assim, a maior parte do referencial incorporado se realiza por representação mediática, por outro lado, de um ponto de vista conceitual, tudo pode ser visto como representação, mesmo o contexto mediático ou real, contudo, o que os meios de comunicação não mostram são os referentes, ou seja, as memórias sociais arquivadas. Sendo que as coisas estão passando a todo o momento por aí, alimentadas por fatos da indústria jornalística, do entretenimento e da publicidade, criando um espírito do tempo (*Zeitgeist*), ou seja, o clima da época, pois, forma um sentido próprio do tempo assinalado.

A comunicação pode ser transformadora, quando eu abro espaço em mim para receber o outro em seu mistério, ou confirmadora, quando procuro conhecer, apreender, domesticar o outro, seja esse outro uma pessoa ou um produto cultural qualquer. (Marcondes Filho, 2008: 34).

O complexo tecnológico, as empresas de comunicação, a internet, os indivíduos, os sistemas desreguladores ou agentes de transformação (como as artes), todos se lançam no contínuo atmosférico mediático. O mediático é o *medium*, tratando-se de um processo, mas a comunicação é o acontecimento que ocorre por meio de relações, nem sempre presencial. Ainda, segundo Marcondes Filho (*idem*), os meios de comunicação provocam fascínio e tédio, pois não se trata mais de não sermos mais capazes de ver além do que vemos, nem tampouco vemos somente segundo o que nos é dado para ver, mas, sobretudo, por vemos o que desejamos ver, o que implica não só em manipulação, mas também adesão aos meios comunicacionais. As pessoas perdem o interesse pelas coisas, devido à intensa repetição e porque, de certa forma, esgotou-se, exorcizou-se tudo o que as irritava antes, as incomodava. Talvez a falta de interesse no excesso de informação seja causada mais por catarse, do que por tédio, ou seja, a própria catarse criaria o tédio anulador da comunicação.

Desse modo, a função dos *media* na sociedade moderna seria a de meio regulador e legitimador do sistema voltado à manutenção do *status quo*. Detectam-se as inquietações, assim como se lançam as argumentações e contra-argumentações no Contínuo Atmosférico Mediático até gerar a catarse para se expurgar o ruído e voltar-se ao equilíbrio desejado. Eventualmente, se algo não sai como o esperado, por questões contingenciais, é deste modo que ocorre então o acontecimento comunicacional, ou seja, de forma inesperada, imprevisível e também efêmera, pois do mesmo modo que acontece, logo também desaparece.

Um jornal não contém informações, ele contém notícias, comentários, resenhas, receitas de bolo, horóscopos, previsões futebolísticas, mas não informação. Quem decide se aquilo que está lá é informação ou não sou eu: é informação somente a partir do momento em que alguma dessas coisas me interessar. (Marcondes Filho, 2008: 16).

Mas nem sempre a comunicação leva em conta a questão da intencionalidade, pois, às vezes, somos fígados pelos mecanismos de sedução da publicidade, por exemplo. Já que a comunicação está no âmbito do contínuo atmosférico mediático, não está presente nos meios de comunicação. *Medium* é algo não percebido que dá forma ao objeto percebido, portanto, os meios de comunicação são o *medium*, assim como o som também o é.

O Acontecimento comunicacional ocorreria no Contínuo Atmosférico Mediático da mesma forma que o processo de formação da opinião pública descrito por Luhmann (2005). Para ele, a opinião pública é um processo social em que um *medium* (conjunto amorfo de pessoas numa certa sociedade, massa dispersa) agrega-se mais ou menos espontaneamente, sem que tenha havido um acordo explícito para isso, em torno de certas posições constituindo determinada forma (opinião pública). Essa forma ou “Opinião Pública” é efêmera, de curta duração, mas interfere no processo político.

A formação de formas, na linguagem de Luhmann, independe da ação individual dos componentes do *medium*, ela simplesmente acontece; ela reúne energias e as direciona para certo posicionamento ou comportamento político. (Marcondes Filho, 2010: 18).

Assim também ocorre o Acontecimento comunicacional, de forma imprevisível e efêmera. Os temas discutidos no Contínuo Atmosférico Mediático causam ou não impacto, sempre de forma inesperada. Segundo Marcondes Filho (2010), o Princípio da Razão Durante constitui-se de uma ontologia e de uma epistemologia. Uma vez circunscrito o território dos fenômenos comunicacionais e de sua ocorrência, isto é, o conceito de comunicação como Acontecimento, cabe agora apresentar a forma como se deve investigar o fenômeno comunicacional. Para tanto, o FiloCom cunhou o termo metáporo (*meta + poros = travessia por, passagem para*) no lugar de método (*meta + odos = caminho traçado*). Metáporo seria o ato de construir a passagem, de ir se abrindo um caminho que vai se fechando atrás de si, como um caminho da não-fixação contínua. A ideia do Metáporo é criar apenas algumas indicações como um paradigma construído por cada pesquisador.

O método para se estudar a comunicação acompanha a própria dinâmica, a versatilidade, a mutabilidade contínua da comunicação. É um procedimento em que se abre o caminho da pesquisa, desbrava-se o campo enquanto se realiza a própria pesquisa. (Marcondes Filho, 2008: 153).

De acordo com a visão da Fenomenologia, que procura estudar os fenômenos regulares e irregulares, o conhecimento está no mundo e a sua captação depende da perspicácia do observador. O mundo existe, mas não pode ser apreendido. Os acontecimentos e os fatos só são apreendidos de forma parcial, nunca em sua totalidade. Para Husserl (1990), as coisas são mais importantes do que o sujeito o qual as observa, uma vez que a nossa consciência é que constrói o objeto. Neste contexto, a consciência dota de sentido as coisas pela intencionalidade; para Husserl, consciência é intencionalidade, sendo que é o mundo então que acontece para nós e nós não somos nada sem essa percepção.

A pesquisa em comunicação não busca a verdade, a possibilidade de repetição do mesmo evento; a comprobabilidade em outros contextos trata-se sempre de uma descrição sincera, sem aspirações de impessoalidade ou objetividade, mas ao estilo dos procedimentos da reportagem e da literatura. (Marcondes Filho, 2008: 153).

A Fenomenologia de Husserl (2000) operaria então quase como uma fotografia do mundo, cuja redução eidética faz com que se feche o olhar do observador na cena observada, deixando-se com que ela venha então a nós, insurgindo-se aos poucos. Neste contexto, devemos então estar abertos, nos livrando dos conceitos a priori que nos conduzem às coisas e aos seus conceitos. Já Bergson (1988) se pauta pelo contexto de uma percepção imediata, baseada na instantaneidade, na busca da apreensão global e suficiente do movimento, sem se fragmentar a experiência como faz o método analítico, por exemplo, objetivando, ao contrário disso, apreender então a coisa por inteiro no seu próprio acontecer, que é o teor perceptivo da razão durante. Bergson acredita que as coisas não podem ser apreendidas de forma picotada, tendo de ser então na sua dinâmica, no seu movimento, ou melhor, dizendo, na sua razão durante.

Desse modo, o que se busca então com o Metáporo é trilhar o caminho de uma ciência nômade, ou seja, continuamente mutante, seguindo a ideia heraclitiana de que não existem seres, somente fatos e acontecimentos. Para ele o ser não passaria então de aparência de estabilidade num movimento do devir.

Conceitualmente, o Metáporo trabalha com a comunicação no seu acontecimento, por isso o termo razão durante, uma vez que quando a pesquisa trabalha com conceitos, ocorre um esvaziamento automático da coisa observada. Se cercarmos muito o objeto, ele pode acabar ficando morto, pois a fixação do conceito é também a sua negação, ou seja, a sua morte anunciada. Segundo os estudos do FiloCom, poro foi definido como caminho

não consolidado, o qual se desfaz, como caminhos que se dão no deserto, no mar ou em espaços lisos, seguindo os conceitos deleuzianos, definidos em *Mil Platôs*, de espaço liso e estriado, linhas de fuga e nomadismo. Conforme Deleuze & Guatari (1996), no espaço estriado, os caminhos já estão feitos, traçados. Já nos espaços lisos, como no deserto e no mar, os caminhos realizam-se em constantes mudanças, como na abertura de um caminho que envolve situações sem saída, por exemplo, numa linha de fuga, que é a via que se faz e se refaz o tempo todo no percurso, no devir perceptivo. Assim como a ideia do nomadismo que se traduz pelo caminhar que busca o horizonte do mundo e vivência intensa de tal mundo. Neste contexto, Marcondes Filho (2008) resume assim a pesquisa metapórica:

Pesquisar a comunicação é estudar o processo e a constituição da relação que se cria entre as pessoas comunicantes, é falar da ocorrência do acontecimento comunicacional, que tem caráter único, efêmero, irrepetível; é falar da interveniência de fatos extralingüísticos na comunicação, de processos que são mais sentidos do que verbalizados; trata-se da captura do momento em que a comunicação se realiza e, em todos esses casos, é preciso que o pesquisador possa apreender a atmosfera presente, o clima criado, o incorpóreo que atravessa os atos. Tudo isso constitui o evento mágico da comunicação humana. (Marcondes Filho, 2008: 9).

No Metáporo, os caminhos não só não são permanentes como as linhas de fuga precisam sempre ser retrabalhadas, reconstruídas. Cada nova pesquisa precisa refazer o caminhar, o nomadismo pensante, o saber perder-se, isto é, a criação segundo a intuição sensível do pesquisador. O FiloCom define *metis* como a inteligência do observador, ou seja, a acuidade, que remete a *techné*, que trata dos estratagemas, da criatividade e da arte, como espírito expressivo. A pesquisa é então um abrir caminhos, o ato de rasgar uma passagem para ver o Acontecimento, pois para Danielle Naves de Oliveira (2006), pesquisadora integrante do FiloCom, “*poro não é a dissecação do morto, mas a percepção do vivo*”.

Assim sendo, o poro evoca um quase-método que tem a intuição como base da ciência e do pensamento científico, incorporando em seu campo elucidativo, dois tipos de intuição: intuição intelectual e intuição sensível. Intuição intelectual é a constatação evidente que não necessita ser provada. Por exemplo, na Física, existem elementos que nunca foram demonstrados, pois eles são constatados apenas pelos efeitos que causam aos outros elementos. Já a intuição sensível é inesperada e inovadora, sendo que é nela que reside o Acontecimento, a virada, a transformação, o novo; “o fato que nos violenta”, nos dizeres de Deleuze.

Pelo que se observa, este tipo de pesquisa opera num campo intermediário entre ciência e ficção, entre objetividade e subjetividade, entre observação e participação, entre emissão e recepção, entre significação e sentido, não inteiramente em um nem em outro. (Marcondes Filho, 2008: 153).

Não obstante, a intuição intelectual ocorre antes ou depois da intuição sensível, dependendo do objeto observado. Na vivência educacional, por exemplo, as informações são jogadas formando a intuição intelectual, até que num momento, ocorre a intuição sensível, que cria o sentido, portanto, o pico intuitivo ocorre no final, quando as mudanças se manifestam pela persistência e continuidade de elementos. Na vivência fílmica ou cinematográfica, por exemplo, ou diante de uma representação artística, ao contrário, a intuição sensível, ou melhor, o ápice intuitivo ocorre no começo, pois a mudança é repentina, acontecendo numa reverberação ocasional.

Conclusão

Sob certo aspecto, o pesquisador do Metáporo precisa aprender a ser nômade, ou melhor, aprender a se perder, a andar sem meta, mas com todos os sentidos em alerta para perceber o fenômeno em acontecimento. Logo, é necessário se inserir no movimento do mundo. Seguindo os preceitos da Fenomenologia, há um movimento geral das coisas, o mundo está em constante fluxo e nós nos instalamos neste fluxo contínuo, pois o mundo que percebemos é em si uma construção, sendo que toda nossa observação do mundo depende de como ela aparece para nós na forma de construção; nesse sentido Marcondes Filho (2008) ainda assinala:

Dessa maneira, a pesquisa comunicacional deve posicionar-se exatamente no momento em que ocorre a comunicação: é no durante que a investigação pode ganhar maior concretude, pode captar os sinais emitidos, as transformações sofridas, as inter-relações, as trocas, o fenômeno como um todo. 'Sente-se' a comunicação, é preciso participar dela para investigá-la, não existe investigação a posteriori, nesse caso ela é história, sociologia, antropologia, estudo de algo passado, portanto, morto. (Marcondes Filho, 2008: 151-2).

De modo que no Metáporo, uma parte do objeto deve permanecer obscura, já que o pesquisador não deve ter a pretensão de esgotar o objeto. O objetivo é apanhar a coisa em algum dos seus movimentos e, não em todos eles ao mesmo tempo, de maneira a sentir suas forças, energias e vibrações momentâneas e circunstanciais apenas. O que se procura na pesquisa metapórica é, basicamente, as condições do aparecimento do objeto, ou seja:

O pesquisador de comunicação voltado para este princípio não opera com métodos fixos e definitivos. Já que a comunicação é um processo dinâmico, instantâneo, pulsante, já que as tecnologias se superam a cada momento, já que se trata de operar com uma 'coisa viva', cujos efeitos se sentem na vibração da vida a cada momento, é preciso que o próprio procedimento de pesquisa se flexibilize, se adapte, se corrija e esta é uma das atribuições do pesquisador, a de atuar também desbravando, abrindo caminhos, renovando as mentes para acompanhar a renovação das técnicas. (Marcondes Filho, 2008: 10).

Nesse contexto, é necessário recuperar o espírito do pesquisador. Numa pesquisa metapórica pode aparecer aquilo que não seria possível por outro método, por isso é preciso nos re-educarmos para ver algo que saia dos modelos conhecidos, criando um hábito mental para ver as coisas além do seu estado habitual, a fim de se apreender os fenômenos desconhecidos. Nesse sentido, o Metáporo é a tentativa de perceber o contexto, a cena, pois numa pesquisa metapórica o método não deve ser fixo; já que ele necessita ser coerente com o próprio objeto, uma vez que o objeto é que escolhe o seu método observacional, do mesmo modo como produzimos as coisas que já devem estar presentes no produto em si. Nesse aspecto, convém dizer que sentido, por exemplo, dentro de uma acepção deleuzeana, difere-se de significação e de comunicação. Significação é como decodificamos o signo semiológico ou semiótico, ao passo que sentido corresponde ao acontecimento comunicacional.

Assim, não vem ao caso a investigação da significação da comunicação, pois esta ainda pertence ao universo eminentemente da linguagem; a comunicação opera antes com sentido, que transcende o território do instrumental analítico convencional e tem a ver como cada um sente as coisas. (Marcondes Filho, 2008: 151).

Dentro desse campo de visão, o pesquisador é o espectador do mundo, descrevendo cenas e situações, não emitindo juízos, apenas relatando os fatos observados, pois o pesquisador é, antes de qualquer coisa, um observador; considerando também a própria insignificância frente ao fenômeno de observação. Desse modo, o pesquisador é um observador que afirma a sua subjetividade em relação ao objeto, mas uma subjetividade que alcance o nível neutro do acontecimento, como a subjetividade proustiana que está na narrativa e não no eu cartesiano. “Em nenhum momento, a pesquisa exclui a subjetividade do observador; não obstante, é sabido que a descrição cuidadosa repercute na credibilidade, angariando, com isso, razoabilidade entre os pares”. (Marcondes Filho, 2008: 153).

Desse modo, o pesquisador do Metáporo precisa entender que a relação é que constrói o objeto e não o contrário; e que não é apenas a linguagem que cria o sentimento comum de comunidade, mas outras relações também como os sentimentos e a paixão.

O pesquisador do Metáporo deve considerar o movimento do mundo, que é permanente, e nossa inserção nele (a contingência, a transitoriedade); considerar o território na investigação: espaço liso (espécie de corpo pleno sem órgãos), suporte para o emaranhado de fios, vetores, linhas, cruzamentos; considerar nosso deslocamento nele: nômade, errático, em rodeio; quanto ao olhar, à observação: dá precedência à intuição sensível, considerando a atmosfera circundante; estar focado na captura do processo gerador, nas relações que constituem objetos, estar à espreita do Acontecimento que pode surgir; fazer um registro ou um relato como forma de efetuação, mas aspirando, como *telos*, que este se torne contraefetuação, portanto, saber.

As principais características do Acontecimento comunicacional são novidade, efemeridade, movimento e imprevisibilidade, ou seja, primeiro, o objeto é novo, ágil, cobrando do procedimento investigativo uma atitude igualmente dinâmica; segundo, ele é transitório, exigindo que o pesquisador atribua legitimidade a tal estado passageiro; terceiro, o objeto está assentado no movimento, o que impõe ao estudioso uma atitude emparelhada no mesmo progresso de construção; e quarto, o Acontecimento não avisa que irá ocorrer, pois cabe ao pesquisador identificar a sua fulguração e a iniciativa de acompanhá-la.

Essas quatro características – novidade, efemeridade, movimento e imprevisibilidade – ficam mais evidentes quando as definimos segundo a razão inversa: o objeto não é conhecido nem conceituado; não permanece por muito tempo; não está parado, estacionado ou ‘congelado’; e não avisa quando irá acontecer novamente. (Marcondes Filho, 2008: 1).

Dentro dessa visão conceitual, a pesquisa pressupõe então três momentos a se considerar: Primeiramente as condições de possibilidades, ou seja, a decisão de como o observador vai se portar diante da pesquisa, pois é necessária uma preparação diante do objeto a ser observado, já que é algo que está em movimento contínuo. Depois as observações para se definir como irá se trabalhar com o fenômeno, ou seja, a maneira como o pesquisador irá operar com certos elementos durante o seu processo observacional. E por último, as constatações necessárias à definição da própria pesquisa em torno do fenômeno ou objeto observado.

Referências Bibliográficas:

- Bergson, H. (1990). *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____(1998) *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa. Edições 70.
- Deleuze, G. (1992) *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____(1999) *O Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1996) *Mil platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Husserl, E. (2000) *Investigações lógicas, sexta investigação*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Editora Nova Cultural.
- _____(1990) *A idéia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.
- Luhman, N. (2005) *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus.
- Marcondes Filho, C. (2010) *O princípio da razão do durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III: Tomo V*. São Paulo: Paulus.
- _____(2006) *Escavador de silêncios*. São Paulo: Paulus.
- _____(2008) *Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria*. São Paulo: Paulus.
- _____(2007) *Perca tempo: é no lento que a vida acontece*. São Paulo: Paulus.
- _____(2007) *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus.
- _____(2007) *O outro como um mistério e o feminino como alteridade absoluta. Sobre a recuperação do face a face na comunicação em Emmanuel Levinas*. *Matrizes – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP*. Ano 1, Nº 1, p. 55-74. São Paulo.
- Oliveira, D. N. (2006) *Poros – ou as passagens da comunicação*. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP.